

Breve história da apropriação da imagem feminina e a relação com as redes sociais¹

Carolina Pedrosa Cardoso ITOCAZO²
Universidade de São Paulo, São Paulo - SP

RESUMO

A pesquisa traça o contexto histórico das ações de controle sobre o corpo feminino, tanto pela estética quanto pelo comportamento, e busca relacionar tal história com eventos ocorridos nas redes sociais. Trata-se de análise bibliográfica e observação empírica. Foi possível relacionar o evento da caça às bruxas, na idade média, com a criação de sentido de ódio sobre as mulheres, que permanece ainda hoje. A pesquisa lança luz sobre a necessidade de aprofundamento sobre a figura da bruxa medieval, bem como destaca a necessidade de estudos sobre os efeitos de tal perseguição nos dias contemporâneos, especificamente utilizando a rede social como mídia.

PALAVRAS-CHAVE

Feminismo; comunicação; imagem; redes sociais.

CORPO DO TEXTO

Introdução

As redes sociais, com capacidade de propagar informações de forma rápida porém pouco transparente, tornaram-se um campo fértil para a disseminação de discursos de ódio, inclusive ataques misóginos direcionados à estética e ao comportamento de algumas mulheres. A utilização da imagem feminina como ferramenta de propaganda misógina nesses espaços virtuais levanta questões sobre as novas formas de controle exercidas sobre as mulheres e os impactos da comunicação mediada por plataformas digitais algoritmizadas.

Entretanto, antes de aprofunda nas questões sobre a circulação da imagem feminina, convém compreender o processo social transcorrido para que as mulheres sejam atacadas, controladas e tratadas como uma segunda categoria da humanidade (fazendo alusão ao que Beauvoir identificou como o “segundo sexo”, ou seja, o sexo que existe em função do primeiro, na relação com o primeiro).

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em comunicação pela ECA/USP, pesquisadora do grupo Jornalismo, Direito e Liberdade.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa empírico-indutiva, que parte da observação dos ataques sofridos pelas mulheres nas redes sociais. A partir da caracterização de alguns elementos de tais ataques, busca-se o repertório teórico para compreensão dos processos observados.

As principais hipóteses trabalhadas são:

- As redes sociais, devido às suas particularidades na forma de circulação de informação, são tanto mídia fértil para a propagação de ataques misóginos quanto beneficiárias do ódio gerado por esses ataques. Tais ataques têm potencial para exercer uma influência importante sobre as mulheres, quando nela circulam propagandas misóginas utilizando a imagem feminina.

- Há indícios de que existe organização e objetivo por trás de campanhas misóginas nas redes sociais. Ainda que aparentem espontaneidade ou amadorismo, campanhas como a de ataque ao Movimento Ele Não são construídas por grupos organizados.

- Os ataques sofridos pelas mulheres são sintomáticos de uma demanda econômica que se beneficia do enfraquecimento das mulheres. Desde a constituição da sociedade capitalista, fundamentada na caça às bruxas, os ciclos de perseguição às mulheres têm atendido a demandas do capitalismo. O que acontece hoje, nas redes sociais, tem o peso simbólico de perseguição. Portanto, deve ser investigado qual o interesse que sustenta tais ataques.

Fundamentação teórica

A pesquisa está pautada em três principais áreas: comunicação nas redes sociais, imagem e feminismo.

Quanto ao tema da comunicação mediada pelas redes sociais e por algoritmos, a principal referência são os textos de Bucci (2016, 2021) e seu conceito de

Superindústria do Imaginário. Outro marco relevante são os escritos de Cesarino (2020, 2021) sobre a circulação de discursos de ódio nas redes sociais.

No campo da imagem, permeia o trabalho a ideia concebida por Sontag (2004) de que a fotografia representa o modelo cognitivo de uma época. Em Berger (2017, 2022), há referências sobre o modo de ver a mulher nas artes plásticas, normalmente objeto de nus em artes eróticas produzidas por homens. Butler (2003, 2015) contribuiu com reflexões sobre os enquadramentos que recaem sobre os corpos e como isso os define. Costa (1999, 2002) encorpou a pesquisa com a história da representação da mulher na arte brasileira.

Quanto ao feminismo, a obra-guia é a de Federici (2017, 2019a, 2019b), que relaciona a perseguição às mulheres a algum tipo de demanda do capital, além de alertar sobre a gravidade invisibilizada da caça às bruxas como instrumento para o estabelecimento da sociedade capitalista. O pensamento de Beauvoir (2019) é fundamental no feminismo e também nesta pesquisa, com sua abordagem sobre gênero enquanto construção social. Friedan (2020), apesar de seu posicionamento trágico sobre homossexualidade, é referência no que concerne ao centro de sua obra, ou seja, como a mídia ajudou a construir a imagem da esposa dona de casa americana devido à uma demanda do capital. A obra de hooks (2020) é decisiva nesta pesquisa para pensar os fundamentos do feminismo e, principalmente, a interseção entre a misoginia e outras discriminações, como o racismo.

Análise

Observando algumas das imagens de ataques misóginos que circulam nas redes sociais, foram notados padrões. Existe uma referência insistente aos pelos femininos, tratados com sentido pejorativos. Há também, muita alusão a uma suposta falta de pudor ou de “bons modos” de algumas mulheres, muito comumente utilizando imagens de mulheres em protestos (como a Marcha das Vadias) para criticar a postura de tais mulheres. Mas um dos padrões bastante claros, tanto em forma quanto em conteúdo, é a de imagens comparativas. O exemplo abaixo, representa tais padrões.

Figura 1: Sem feminismo / Com feminismo



Legenda: A imagem compara duas fotografias, dando a entender de que são da mesma pessoa e que essa pessoa passou por grande mudança em sua aparência após conhecer o feminismo. Não conseguimos saber quem é a pessoa, não sabemos nem se é uma pessoa feminista. Fonte: Objeto empírico

Recusando a premissa de que a perseguição contra as mulheres que fogem de padrões estéticos e de comportamento são algum tipo de desenvolvimento natural dos seres humanos, a pergunta latente é: quando e como essa perseguição começou?

Nesse ponto, a obra de Federici é fundamental ao fazer um apanhado histórico da caça às bruxas na Europa da idade média (Séc. XV - XVIII). A autora argumenta que o movimento de caça às bruxas foi necessário para controlar uma instabilidade social que ameaçava mudar as ordens de poder já estabelecidas. Segundo Federici, o capitalismo foi uma contra-revolução, uma forma de suprimir a revolução dos trabalhadores, e a perseguição contra as mulheres foi uma estratégia para opor homens e mulheres, colocando sobre suspeição o corpo feminino.

Eram chamadas de bruxas e queimadas em praça pública, após tortura e estupro, as mulheres que não se adequassem aos padrões. Mulheres velhas, mulheres solteiras, mulheres rebeldes, mulheres que haviam sido expulsas da comunidade por terem sofrido estupro, mulheres que continuassem praticando a medicina com as plantas e quaisquer outras mulheres que fugissem ao controle visível do homem poderiam ser acusadas de bruxaria.

Em relação à obsessão com os pelos femininos, Berger faz uma leitura das artes plásticas clássicas, especialmente artes produzidas no Renascimento (Séc. XIV - XVI),

na qual ele identifica os pelos ao desejo. As mulheres, portanto, eram pintadas não como seres desejastes, mas como objeto do desejo do homem. Os nobres contratavam pintores para produzirem o que hoje chamamos de “nu artístico”, mas que Berger chamou de pornografia. As obras representavam amantes, reais ou imaginárias, que os nobres iriam expor junto com seus demais quadros. Tanto a arte quanto as mulheres eram tratadas como artigos de *status*. Segundo Beger “[...] os ricos mercadores italianos consideravam os pintores como agentes que lhes permitiam ratificar seu domínio sobre tudo que era belo e desejável no mundo” (Lévi-Strauss, 1969 apud Berger, p. 99-100, grifo nosso).

Aplicando às relações contemporâneas as reflexões levantadas acerca do início da dominação sobre a vida (e a estética) da mulher, encontramos nas redes sociais um campo de criação de sentido que age sobre o consciente e o inconsciente de formas distintas. É o que Bucci (2021, p. 295) nomeia como Superindústria do Imaginário: “ela consegue prestar serviços tanto para o inconsciente do sujeito como para o 'eu'”. Ou seja, opera de tal forma a mobilizar o inconsciente, mas a dar ao ego a sensação de comando, a sensação de livre-arbítrio. A superindústria “[...] interpela o inconsciente, mas seu freguês é o 'eu'” (Bucci, 2021, p. 295).

As redes sociais trabalham com o desejo, com a ilusão. A imagem feminina esteve atrelada ao desejo masculino por séculos, desprovida da própria condição de ser desejante para servir ao desejo alheio. Tais pontos criam uma combinação perigosa ao serem somados à característica difusa da operacionalização das redes sociais. A opinião pública formada também pela comunicação social passou a sofrer interferência direta dos algoritmos criados por empresas privadas para manipular a atenção dos usuários às telas. Tais algoritmos operam de formas que não transparente e com o objetivo único de manter as pessoas conectadas às plataformas de publicidade, que são as redes sociais. Para que isso funcione, a imagem é essencial.

O uso da imagem, nesse processo, cumpre a função de fisgar a atenção, pois aciona não apenas as emoções, mas também atua para trabalhar os nossos desejos. As imagens funcionam como “iscas libidinais” que buscam acionar os “olhantes” por meio de pequenas doses de prazer ou raiva, para mantê-los por mais tempo presos às telas e produzir mais valor para os espaços publicitários vendidos nessas redes. Essa busca é

alimentada por doses muito pequenas de prazer desfrutadas, por exemplo, ao encontrar um post "certo" enquanto as pessoas rolam o feed de uma rede social qualquer. E "certo", nesse sentido, é algo que vai mobilizar os sentimentos. Não é necessariamente algo do qual as pessoas gostam, é algo com o qual elas se engajam, em algum tipo de emoção. As emoções mais utilizadas para engajar, são medo e raiva.

Conclusão

A imagem feminina foi utilizada, pelo menos desde o século XIV, como receptora e estimulante do prazer masculino. Para cumprir tal função, a mulher era exibida desnuda, lânguida e sem pelos, apenas destinatária do olhar desejoso. No contexto das redes sociais, que trabalham com o desejo como forma de operacionalização das redes, a imagem feminina utilizada para o prazer masculino encontra lugar. Assim como encontra lugar também o ódio contra uma imagem feminina que recusa o olhar desejoso masculino, que resiste ao padrão determinado para o estímulo do outro. Algumas das imagens e textos observados fazem alusão direta ao período da caça às bruxas, medieval. Um exemplo didático foi a vinda de Butler ao Brasil em 2017, quando os protesto contra ela na frente do SESC Pompeia incluíram: atear fogo em um boneco com chapéu preto, pontudo, e falas como "pela família e pela tradição", bem como "queimem a bruxa".

Ao concluir o trabalho, após extensa análise empírica e bibliográfica, validamos as três hipóteses levantadas e destacamos que há muita pesquisa a ser realizada na relação entre a caça às bruxas medieval, a instituição do sistema capitalista e o estado de perseguição que as mulheres sofrem nas redes sociais e fora delas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo, v. I e II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019 [1949].**

BERGER, John. **Para entender uma fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BERGER, John. **Modos de Ver.** São Paulo: Martins Fontes. 2022.

BUCCI, Eugênio. **A forma bruta dos protestos:** das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rousseff em 2016. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário**: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo o que é visível. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CESARINO, Letícia. **Como vencer uma eleição sem sair de casa**: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, São Paulo. v. 1, n. 1. p. 91-120, 2020.

CESARINO, Letícia. **Antropologia digital não é etnografia**: Explicação cibernética e transdisciplinaridade. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 21, n. 2, p. 304-315, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/39872>. Acesso em: 02 fev. 2022.

COSTA, Cristina. **Questões de arte**: a natureza do belo, da [er]cepção e do prazer estético. São Paulo: Moderna, 1999.

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher**: um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2002.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017 [2004].

FILÓSOFA Judith Butler é recebida no Brasil sob gritos de 'bruxa', protestos e bonecos queimados. **Diário de Pernambuco**. 07 nov. 2017. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/11/filosofa-judith-butler-e-recebida-no-brasil-sob-gritos-de-bruxa-pro.html>. Acesso em: 07 set. 2023.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020 [1963].

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

MACHADO, Rosana Pinheiro. Mulheres pró-Bolsonaro: grupo no Facebook revela medo da ditadura da baranga. **The Intercept Brasil**. 02 out. 2018. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2018/10/02/mulheres-pro-bolsonaro-feminista-antifeminino/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

MATHIEU, Nicole-Claude. Identité sexuelle/sexuée/de sexe? Trois modes de conceptualisation du rapport entre sexe et genre. In. DAUNE-RICHARD, Anne-Marie; HURTIG, Marie-Claude; PICHEVIN, Marie-France. (Eds.). **Catégorisation de sexe et constructions scientifiques**, Aix-en-Provence: CEFUP, 1989. [Republicado In. MATHIEU, Nicole-Claude, **L'Anatomie politique: catégorisations et idéologies du sexe**, Paris: Des femmes, 1991a].

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e gênero. In. HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**, p. 222-230, São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SESC Pompeia sofre ataques por causa de eventos com Judith Butler. **Marie Claire**. 28 out. 2017. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2017/10/sesc-pompeia-sofre-ataques-por-cao-de-eventos-com-judith-butler.html>. Acesso em: 07 set 2023.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016 [1791].